

● ENTREVISTA

HUMILDADE. DISCIPLINA. PROFISSIONALISMO

Carlo Martins, director-geral do Hotel Foya Branca

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

Carlo Martins deixou a Madeira em 2023 para abraçar um desafio profissional em Angola. Depois de dois anos naquele país africano, assumiu há um ano a direcção-geral do Hotel Foya Branca, unidade hoteleira localizada na baía de São Pedro, em São Vicente. O madeirense recebeu o DIÁRIO durante a estadia em Cabo Verde, no âmbito da missão solidária Juntos por Sorrisos.

Nesta entrevista, fala dos desafios de liderar uma unidade hoteleira num mercado em crescimento, da aposta na formação de quadros locais e daquilo que considera serem as principais fragilidades do turismo regional.

O que o levou a deixar a Madeira? Durante a pandemia de Covid-19 tive o projecto "Hotelaria Madeirense Ajuda a Nossa Ilha", abri os meus negócios, mas posteriormente acabei por vendê-los, porque senti que tinha chegado a altura de sair. Achava que a Madeira era demasiado pequena para aquilo que eu queria alcançar. Há uma realidade que é esta: na Madeira é difícil crescer. Um meritocrata como eu, na Madeira, ou tem cunhas, ou tem uma base social diferente da maioria, ou conta com um apoio muito forte dos pais. Eu tenho um apoio muito grande dos meus pais, mas são pessoas humildes e a quem agradeço profundamente a educação que me deram. Mas na Madeira tudo se torna mais difícil. Enquanto no resto do mundo somos valorizados pelo que somos, na Madeira isso é complicado. Muitas vezes o nome vale mais do que o valor profissional ou social da pessoa.

Em contrapartida, sente que o seu trabalho tem sido mais reconhecido fora da Madeira? Sim. Fui considerado o

melhor director de Cabo Verde há alguns meses e, mais recentemente, fui nomeado para mais um prémio dos African Hospitality Awards, também na categoria de melhor director de Cabo Verde e de África.

Quantas pessoas trabalham actualmente na unidade? Neste momento temos cerca de 52 colaboradores. A equipa não é a mesma de há um ano. Cerca de 70% foi substituída, de forma propositada, porque queríamos construir uma identidade muito própria para este projecto.

Que cultura organizacional procura construir no Foya Branca? Há três palavras que para mim são fundamentais: humildade, profissionalismo e disciplina.

Não vale a pena dizermos que somos bons profissionais se não formos disciplinados, se não cumprirmos horários e se não respeitarmos os padrões mínimos da profissão. Depois vem a humildade, para aceitar os desafios, aceitar as pessoas como elas são e compreender as condicionantes da nossa actividade. Quando isso existe, tudo o resto se torna muito mais fácil.

Apesar dos enormes desafios materiais e sociais que enfrenta, considera que Cabo Verde é uma terra de oportunidades? Há potencial no turismo, nas pescas, em alguns segmentos da agricultura e até na área logística. Mas faltam 'players' capazes de ajudar a impulsionar a economia local, que tem uma organização muito específica. Há pessoas-chave na sociedade cabo-verdiana, mas falta quem consiga unir esforços e pôr todos a trabalhar para o mesmo objectivo. Cada um trabalha muito por si.

As pescas, por exemplo, precisam de mais organização. Está agora a desenvolver-se uma área ligada à piscicultura de atum que, na Madei-



**GESTOR HOTELEIRO
DEFENDE MAIOR
COOPERAÇÃO ENTRE
MADEIRA E CABO
VERDE E CRITICA
FALTA DE VISÃO**

ra, ouvi dizer ser impossível. Aqui está a provar-se que é possível.

Depois há o turismo. A Madeira tem um 'know-how' muito valioso que poderia ser aproveitado em São Vicente. E lanço aqui o desafio: grupos como o PortoBay, Savoy, o Gallo ou outros têm espaço para crescer em Cabo Verde.

São Vicente continua a ser um destino relativamente virgem, com praias fantásticas, pessoas extraordinárias e uma riqueza cultural enorme. Tem um dos melhores carnavais do mundo e consegue organizar um evento extraordinário com muito menos recursos do que a Madeira.

No ano passado, uma ilha com cerca de 55 mil habitantes quadruplicou a sua população durante o Carnaval. É impressionante. Claro que isso cria desafios ao nível da electricidade, da internet e do abastecimento de água, mas os problemas acabam por ser ultrapassados.

A formação de profissionais cabo-verdianos é uma das suas apostas? Nós recrutamos pessoas para o hotel, formamo-las e depois muitas acabam por seguir para outras unidades e outros hotéis. Temos mão-de-obra qualificada que fala português e isso é uma enorme vantagem.

Além disso, conhecem a cultura portuguesa. Os cabo-verdianos adaptam-se facilmente e há aqui recursos humanos que poderiam ser muito melhor aproveitados. Mas é importante garantir que quem os recebe lhes proporciona condições dignas. Isso é fundamental.

O que mais gosto de fazer é formar pessoas. Acredito que é o maior legado que podemos deixar. Não é dinheiro, nem infra-estruturas. São as pessoas que tocamos ao longo da vida, aquelas que um dia mais tarde se vão lembrar de nós.

É isso que o move? Claro. Quem me conhece sabe que eu fiz várias coisas na minha vida, sem o intuito de receber nada em troca (...). Eu gosto de dar à humanidade aquilo que a humanidade me dá. E ao estar aqui neste lugar agora, gosto de ajudar a população de São Pedro. Por exemplo, a nossa unidade, para a semana que vem, vai estar a apoiar os artistas da comunidade de São Pedro, vamos apoiar a recuperação de um edifício. Estamos a dar aos nossos funcionários, por exemplo, algum material para terem em casa, porque ainda existem pessoas que dormem no chão ou num colchão no chão.

Foi através desse contacto com a comunidade que tornou conhecimento das dificuldades dos bombeiros locais de que nos falava há pouco em conversa? Quais são, neste momento, as principais necessidades? Hoje tenho uma participação muito activa na comunidade e pedem-nos muita ajuda. Por exemplo, agora, durante o Festival da Baía das Gatas, o espaço dos bombeiros vai ser cedido pelo Foya Branca. Não foram eles que nos vieram pedir; fomos nós que nos disponibilizámos, porque sabemos das dificuldades que enfrentam, especialmente em termos de meios. Até há pouco tempo só tinham uma ambulância; entretanto foi oferecida outra. Mas continuam a faltar equipamentos essenciais. Não têm material de desencarceramento, por isso, quando há um acidente de viação, não dispõem dos meios necessários para ajudar. Também não têm material de montanha e faltam coisas básicas, como botas, fardas ou até roupa de cama. Existe pouco investimento neste tipo de infra-estruturas, que são extremamente importantes. Apesar disso, fazem um trabalho digno com muito poucos recursos. É complicado, porque